

Atena
Editora
Ano 2021



Ciência Política: Poder e Establishment

Elói Martins Senhoras
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021



Ciência Política: Poder e Establishment

Elói Martins Senhoras
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciência política: poder e establishment / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-784-0

DOI 10.22533/at.ed.840211002

1. Ciência política. 2. Poder. 3. Establishment. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II. Título.

CDD 320

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O campo epistemológico das Ciências Políticas possui uma incremental evolução histórica nos últimos cinco séculos permeada por uma crescente absorção e replicação de métodos, teorias e conceitos para a análise do poder e das ações políticas, razão pela qual é identificado por uma pluralidade de influências e enfoques propositivos.

Partindo da ampla capacidade dialógica de um campo científico relativamente aberto à pluralidade dialógica, o presente livro “Ciência Política: Poder e *Establishment*” apresenta uma instigante agenda de diferenciados estudos políticos sobre um conjunto amplo de temas da realidade política internacional e nacional.

O objetivo desta obra é apresentar a riqueza do campo científico das ciências políticas a partir de uma abrangente agenda de estudos que valoriza a pluralidade temática, metodológica e teórica para analisar a realidade do poder e da ação política humana em diferentes escalas espaciais e periodizações temporais.

Fruto de um trabalho coletivo desenvolvido por um conjunto de praticamente duas dezenas de pesquisadoras e pesquisadores, oriundos das macrorregiões do Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil, bem como da Colômbia, este livro faz um imersivo estudo sobre distintas realidades políticas com base em diferenciadas experiências e formações profissionais ligadas diretamente ou indiretamente ao campo das Ciências Políticas.

Estruturado em 15 capítulos, este livro apresenta relevantes pesquisas que coadunam de uma mesma lógica dedutiva, partindo da abstração teórica no campo epistemológico da Ciência Política até chegar à empiria de estudos de caso, embora trazendo uma pluralidade de diferentes recortes histórico-teórico-metodológicos para a análise.

A natureza exploratória, descritiva e explicativa dos estudos do presente livro combina distintas abordagens qualitativas, paradigmas teóricos e recortes metodológicos de levantamento e análise de dados, os quais proporcionam uma imersão aprofundada em uma agenda eclética de estudos.

Os diferenciados debates apresentados nesta eclética obra foram aglutinados em quadro grandes eixos temáticos, identificados respectivamente por relevantes agendas contemporâneas de estudos sobre as relações internacionais, relações intergovernamentais, aparelho de estado, sistemas de governança, bem como participação e contestação política.

Alicerçado na pluralidade do pensamento, no estado da arte e na capacidade dialógica dos estudos com a fronteira do conhecimento no campo das Ciências Políticas, este livro traz significativos subsídios para analisar e interpretar a realidade contemporânea do local ao internacional, propiciando uma rica experiência teórica e metodológica para um amplo público de leitores.

Excelente leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AMÉRICA LATINA: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE COLONIAL	
Raphael Colvara Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.8402110021	
CAPÍTULO 2	10
LE ÉLITE POLÍTICA COLOMBIANA Y EL DEBATE DE LAS REGALÍAS PARA CIENCIA Y TECNOLOGÍA. ¿DISTRIBUCIÓN DE UNA RENTA O DESARROLLO BASADO EN EL CONOCIMIENTO?	
Ricardo Gómez Giraldo	
DOI 10.22533/at.ed.8402110022	
CAPÍTULO 3	20
A CONSTRUÇÃO DO REGIME INTERNACIONAL PARA REFUGIADOS: DESAFIOS E OBSTÁCULOS EXISTENTES NO BRASIL	
Camila Santos Barros Moura	
DOI 10.22533/at.ed.8402110023	
CAPÍTULO 4	31
COMO LEGITIMAR UMA OCUPAÇÃO: A INTERVENÇÃO ESTADUNIDENSE NO IRAQUE NA PERSPECTIVA DA VEJA (2003)	
Juan Filipi Garcês	
DOI 10.22533/at.ed.8402110024	
CAPÍTULO 5	41
QUEM SE IMPORTA COM TAIWAN? NOVAS PERSPECTIVAS	
Vinícius Azevedo Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.8402110025	
CAPÍTULO 6	53
LEGITIMIDADE ESTATAL E DILEMAS DA MODERNIDADE. A MCDONALDIZAÇÃO DO ESTADO MODERNO E OS SEUS IMPACTOS NA RECONFIGURAÇÃO DO CONTRATO SOCIAL	
Sérgio Czajkowski Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.8402110026	
CAPÍTULO 7	65
IDEIAS E INTERESSES NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DOS GOVERNOS ESTADUAIS	
Vinicius Boechat Tinoco	
DOI 10.22533/at.ed.8402110027	
CAPÍTULO 8	77
A RELAÇÃO EXECUTIVO-LEGISLATIVO NA ESFERA LOCAL: O CASO DO MUNICÍPIO DE BAIÃO (PARÁ) NOS GOVERNOS JANDIRA (2005-2008) E SACI (2009-2012)	
Marcos Antonio Barros Pina Junior	

Fabio Alessandro Xavier de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.8402110028

CAPÍTULO 9..... 95

A CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE SOROCABA E DE SEUS MUNICÍPIOS - UMA CONTRIBUIÇÃO À GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE DESENVOLVIMENTO

Francisco Carlos Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.8402110029

CAPÍTULO 10..... 111

INTERSETORIALIDADE, CONTROLE PÚBLICO E SAÚDE: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ATORES DA DÉCIMA QUINTA CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE

Eduardo Moreira da Silva

Danúbia Godinho Zanetti

Ciro Antônio da Silva Resende

DOI 10.22533/at.ed.84021100210

CAPÍTULO 11..... 128

A OFENSIVA EMPRESARIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: METAMORFOSES DO “TERCEIRO SETOR”

Adelaide Ferreira Coutinho

DOI 10.22533/at.ed.84021100211

CAPÍTULO 12..... 141

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA ATRAVÉS DO DISCURSO DE ÓDIO E DA POLARIZAÇÃO NA DEMOCRACIA

Ana Paula Schneider da Silva

Fernanda Viana Falkoski

DOI 10.22533/at.ed.84021100212

CAPÍTULO 13..... 146

NEM TODA LEGALIDADE É JUSTA, NEM TODO ESTADO É DE DIREITO DEMOCRÁTICO: O GOLPE DA JUSTIÇA INÍQUA, PARCIAL E ARBITRARIA

Nila Michele Bastos Santos

DOI 10.22533/at.ed.84021100213

CAPÍTULO 14..... 153

MINERAÇÃO E CONFLITOS PELA POSSE DA TERRA EM CANAÃ DOS CARAJÁS: O CASO DO ACAMPAMENTO PLANALTO SERRA DOURADA

Marcelo Melo dos Santos

Thiago Martins da Cruz

Rafael Rodrigues Lopes

DOI 10.22533/at.ed.84021100214

CAPÍTULO 15..... 165

PROGRAMA JOVEM APRENDIZ COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO

SOCIOECONÔMICO ENTRE GAROTAS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

João Victor Mendes Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.84021100215

SOBRE O ORGANIZADOR..... 176

ÍNDICE REMISSIVO..... 177

CAPÍTULO 1

AMÉRICA LATINA: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE COLONIAL

Data de aceite: 01/02/2021

Raphael Colvara Pinto

Doutor em Teologia pela Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(PUCRS)

<https://orcid.org/0000-0002-9270-2653>

RESUMO: O presente artigo busca apresentar o legado colonial na América Latina, analisando a continuidade e descontinuidade do seu sistema na formulação dos discursos epistemológicos e políticos. O referido texto intenta reconstruir a ligação entre o passado colonial e o profundo divórcio entre os segmentos da sociedade civil e a implementação de políticas macroeconômicas. Essas estruturas de gestão e controle que emergiram nas economias dos países ricos do Atlântico Norte têm colocado inúmeros desafios que se dão não apenas no nível econômico, mas também nas diferentes esferas e instituições públicas. Esse imaginário do mundo moderno colonial dá-se pela complexa articulação do poder que impõe uma visão unilateral da história. Diante desse quadro, buscar-se-á uma abordagem mais abrangente a partir dos aportes teóricos de autores como Bauman (1999, 2005, 2007, 2017), Boaventura Santos (1989, 2017), Walter Mignolo (2017) e Aníbal Quijano (2005).

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade. América Latina. Globalização.

LATIN AMERICA: BETWEEN COLONIAL PAST AND PRESENT

ABSTRACT: This article intends to analyze the colonial legacy in Latin America, evaluating the continuity and discontinuity of its system in the formulation of epistemological and political discourses. This text proposes to reconstruct the link between the colonial past and the deep divorce between the segments of civil society and the implementation of macroeconomic policies. These management and control structures that have emerged in the economies of the rich countries of the North Atlantic have posed numerous challenges that arise not only at the economic level, but also in different spheres and public institutions. This imaginary of the modern colonial world is given by the complex articulation of power that imposes a unilateral view of history. Given this framework, a more comprehensive approach will be sought from the theoretical contributions of authors such as Bauman (1999, 2005, 2007, 2017), Boaventura Santos (1989, 2017), Walter Mignolo (2017) and Aníbal Quijano (2005).

KEYWORDS: Coloniality. Latin America. Globalization.

1 | INTRODUÇÃO

Sabe-se que a construção do tecido social é um fenômeno que diz respeito à sociedade, especialmente no que tange a várias questões. A reestruturação econômica e política na América Latina tem sido acompanhada por severas crises de legitimidade, manifestadas

por altos níveis de violência, falta de confiança nas instituições públicas e governamentais e, o mais agravante, a ausência de um projeto mais abrangente.

Se de fato o Estado tem o papel de coesão social, esse não tem respondido aos desafios sociais que lhe são inerentes. Esse contexto de alta informalidade coloca a maioria das famílias e dos trabalhadores em risco. Em países de grande concentração de renda, como o Brasil, os subsídios sociais acabam capturados por uma pequena elite que sempre se mantiveram no poder.

Ao mesmo tempo, a heterogeneidade estrutural e a fragmentação que caracterizam as sociedades latino-americanas geraram expressões institucionais de poder disforme. Essas questões abrem uma série de interrogações cruciais. Acaso seria a colonialidade um fenômeno que diz respeito a um passado distante? Quais suas repercussões para pensar a América Latina hoje?

Segundo o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005, p. 117): “A América constituiu-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo, foi a primeira *id-entidade* da modernidade”. A matriz de todo o problema reside na percepção fundamental de que esse projeto oculta histórias e memórias coletivas em detrimento de uma visão unilateral da realidade.

Estudos decoloniais aplicam as lentes teóricas para demonstrar como tal pensamento cria regimes absolutistas, focando nos processos que obstruem as conexões entre as diferentes lutas e paradigmas, contrapondo-se a uma visão hegemônica, que nega e apaga as diferenças locais e as distintas esferas de poder político, cultural e epistemológico.

2 | COMPREENDENDO O PASSADO COLONIAL NA AMÉRICA LATINA

Pode parecer redundante evocar a necessidade de olhar para trás na história latino-americana para encontrar respostas a algumas questões atuais. Dependendo da perspectiva a ser tomada, pode-se também chegar a diferentes interpretações do passado e, conseqüentemente, mudar as percepções e o campo de atuação.

Segundo o teórico Walter Dignolo (2017, p. 2), a colonialidade foi um conceito introduzido nas Ciências Sociais pelo sociólogo Aníbal Quijano, no final da década de 1980, nomeando a lógica subjacente da fundação e desenvolvimento da civilização Ocidental, da qual o colonialismo foi constitutivo.

Autores decoloniais como Walter Dignolo (2017), Enrique Dussel (1993) e Boaventura Santos (2017) acreditam que o binômio Modernidade/Colonialidade surgiram com a invasão europeia na América Latina, sobretudo depois do advento da expansão marítima, no fim do século XV. Nesse sentido, a Europa foi um projeto geopolítico, cujo processo penetrou as “periferias do mundo” para produzir um poderoso sistema de controle e dependência. Essa memória globalmente dominante esteve associada à exploração econômica e à violação dos Direitos Humanos.

O fluxo de riqueza para o velho continente foi o principal vetor de propulsão da modernidade europeia. Sendo assim: “A colonialidade nomeia a lógica subjacente da fundação e do desdobramento desde o Renascimento até hoje, da qual os colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte” (MIGNOLO, 2017, p. 2).

A tese de Walter Mignolo é que: “a modernidade é uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar suas conquistas, enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a colonialidade” (MIGNOLO, 2017, p. 2). Um eficiente e pragmático sistema que se estabeleceu a partir de uma dupla colonialidade: do tempo e do espaço, dando origem a um sistema que deslocou gradativamente a teopolítica do conhecimento medieval, para colocar o homem e a razão no centro das decisões epistemológicas.

Segundo Walter Mignolo (2017, p. 4): “a colonização do tempo foi criada pela invenção renascentista da Idade Média e a colonização do espaço pela colonização do Novo Mundo”. A partir desse evento histórico, a chamada matriz colonial do poder tem operado sobre uma série de estruturas históricas, cuja legitimidade está ancorada na separação entre Sul e Norte, Ocidente e Oriente, ou seja, entre pobres e ricos, bárbaros¹ e civilizados. Nesse imaginário eurocêntrico, a linha de *apartheid* civilizacional separa povos tidos como cultos dos incultos, a qual Aníbal Quijano chama de Colonialidade do poder, capitalismo e o eurocetrismo (QUIJANO, 2005, p. 125).

A lógica dessa colonialidade tem passado por sucessivas transformações. Palavras como progresso, desenvolvimento, modernização, Estado-nação e subjetividade escamoteiam as hierarquias de poder, relegando outros povos e civilizações a *status* periférico de objetos passivos da política global. As práticas econômicas, ocultadas por retóricas científicas, “dispensam vidas humanas e o conhecimento, justificando o racismo e a inferioridade, que eram naturalmente consideradas dispensáveis” (MIGNOLO, 2017, p. 4). Tais conceitos moldaram o sujeito expondo-o a normas disciplinares produzidas por padrões hegemônicos, pelos quais as potências coloniais infringiram miséria e desigualdade, sobretudo a partir da ideia de raça e gênero.

Segundo Aníbal Quijano (2005, p. 121-122), a forma atual de conhecer o mundo é fruto de uma cosmovisão eurocêntrica, preterindo todo e qualquer pensamento que seja distinto do europeu. Isso se deu de forma discursiva, na qual as diferenças são negociadas por meio de estruturas institucionais, internalizadas pelos indivíduos e assumidas nas relações sociais como parte da memória e da linguagem comumente aceita.

Boaventura Santos (1989, p. 22), na sua obra *Ciência Pós-moderna*, tem demonstrado como a racionalidade científica moderna ocidental cimentou essa visão de mundo, ganhando importância sobre as formas teológicas dedutivas sobre o mundo. A

1 A metáfora da barbárie estava profundamente conectada ao caos primordial do livro de Genesis na Sagrada Escritura. Dentro dessa cosmovisão, os europeus tinham por tarefa aplacar a violência irracional dos “povos selvagens”. Ideias difundidas por escritores viajantes, exploradores, missionários e romancistas reforçaram a ideia de que o Novo Mundo era parte de um continente possuído por escuridão demoníaca e barbárie, representada sobretudo pelo sacrifício humano e canibalismo. Segundo esses pensadores, era dever dos europeus cristãos civilizar esses povos incautos retirando-os das trevas da ignorância e da incivilidade.

natureza desse pensamento estava ancorada em um sistema de distinções que classificava, mensurava e distinguia os conceitos, no qual era demarcada uma linha entre o que se convencionou chamar de conhecimento científico e o não científico. Essa racionalização pretendeu estabelecer-se como uma verdade universal, considerando outros saberes como irrelevantes, ilusórios e falsos. Assim, a ciência moderna converteu-se em uma instância suprema, colocando-se acima do bem do mal.

O referido discurso pretendeu tornar-se também performativo, moldando as experiências cotidianas, fornecendo um aparato de compreensão do mundo que justifique sua exploração, mascarando as relações de poder, naturalizando as desigualdades, estereótipos e preconceitos como se esses fossem científicos, objetivos e a-históricos.

Para tanto, faz-se necessário reconhecer que tal pensamento não é neutro, mas um processo que oculta uma questão mais ampla, que diz respeito à apropriação da história para fins, justificativa e manutenção do *status quo* atual.

3 | COMPREENDENDO OS FENÔMENOS SOCIAIS A PARTIR DA GLOBALIZAÇÃO

A globalização generalizada do modelo Neoliberal foi analisada por autores como Boaventura Santos, como um fator exógeno que tem dificultado a integração na América Latina. A década de 1980, na América Latina, foi também chamada de “década perdida”, pois trouxe uma profunda crise econômica, caracterizada por altos níveis da dívida externa, déficit fiscal, hiperinflação, baixo crescimento econômico e uma dívida social estúpida.

No início dos anos de 1990, praticamente todos os países latino-americanos haviam deixado para trás seus passados autoritários. Esse processo foi articulado pela redemocratização da região, marcada por regimes híbridos, que resultaram nas tomadas de decisões autoritárias e, ao mesmo tempo, a consolidação de processos democráticos com sistemas jurídicos e instituições frágeis.

Herança do período colonial na América Latina, tem-se o “patrimonialismo” e o “clientelismo”. Por tais conceitos, compreendem-se a relação de troca existente entre uma elite política que tem acesso aos bens e uma parcela pobre que está disposta a fornecer apoio em troca de recursos e benefícios. Tais aspectos manifestaram uma característica ligada às formas tradicionais de estruturação do controle social, expressos pela indiferenciação entre as esferas públicas e privadas.

A natureza híbrida dos regimes políticos latino-americanos encontrou sua expressão no estilo tecnocrático introduzidos pelo modelo Neoliberal. Esse legado deu-se basicamente por meio de dois critérios: o princípio do Estado soberano entendido como: a) território e poder supremo sobre sua população e b) busca pela autonomia em um mundo caracterizado por rivalidades e disputas geopolíticas entre diferentes países.

Nas últimas décadas, um amplo espectro de fenômenos está acelerando o processo

de globalização² financeira desterritorializada. Esse sistema que está além da dimensão econômica, constitui-se também em um processo que produz alterações no âmbito da política e da cultura. Seu caráter ideológico vai além da sua inevitabilidade. A globalização Neoliberal não reside no Estado-nação, mas na fluidez e na efemeridade dos fluxos globais de Capital que alteram as relações espaço-temporais no domínio político.

Na era pós-industrial³, a produção depende cada vez menos de uma presença espacial específica. Esse sistema gera processo de flexibilização e interdependência entre as sociedades nacionais que multiplicam e descentralizam os seus centros de decisões. Assim como o “pós-fordismo”, que captou um novo modo de acumulação e produção, a diáspora global é o próprio exemplo de como o tempo e o espaço são conceitualmente transformados.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a globalização caracterizou-se por padrões emergentes de interconexões universais, promovendo a ideia de que o mundo é uma grande “aldeia global”. Anthony Giddens, no seu livro intitulado *As consequências da Modernidade* (1991. p. 27-29), focaliza a compreensão do tempo-espaço como aceleração dinâmica. Sugere que o desenvolvimento atual produz a chamada compreensão dos mesmos, onde tais fenômenos dependem dos processos materiais.

Aqui as hierarquias são substituídas por padrões globais de interação (“fluxos e redes”). A crescente escalada financeira, baseada em fluxos de comunicação e progressivamente organizada como uma rede horizontal sem um centro. Em parte, isso ocorreu porque a globalização criou vários centros, com uma combinação de certos recursos que permitem múltiplos acessos. Esse encolhimento do mundo tem trazido numerosas consequências, pelas quais os problemas locais tornam-se mundiais. O arranjo entre economia, política, capital e trabalho deu origem ao que depois se convencionou de Estado de bem-estar social nos países ricos do hemisfério Norte, incorporado ao neoliberalismo como um conceito geopolítico.

Esse fenômeno de “governança global”⁴ pode ser entendido como surgimento de princípios, normas e valores comuns que regulam e coordenam políticas sociais em escala globais e também regionais, como é o caso dos blocos econômicos, que são uma espécie de espaço supranacional, onde o Estado-nação cria lugares mais amplos para o alargamento do referencial geográfico e regulatório. Com isso, o Estado está desnacionalizando-

2 Por globalização, compreende-se os processos que vinculam o tecnológico ao político e ao econômico, por meio das quais as distâncias são encurtadas. Uma das principais causas de sua aceleração deu-se pelo desenvolvimento da tecnologia e sua aplicação prática sobre diversas esferas humanas, mais especificadamente na produção de rede de comunicação, na integração internacional do comércio e dos mercados financeiros.

3 A aplicação da microeletrônica à indústria levou ao esgotamento dos modelos tradicionais de produção, como o Taylorismo e o Fordismo. Isso é expresso, entre outras coisas, na substituição da produção de peças, que podem ser produzidas em qualquer parte do planeta e montadas somente nos mercados finais.

4 Por governança global, compreende-se o conjunto de práticas e princípios de mercados internacionais que estipulam princípios como livre mercado e democracia, sob os quais são concedidos empréstimos e adoção de políticas de ajuda para os países pobres do hemisfério Sul, por isso uma das expressões institucionais da governança global é o fortalecimento das instituições financeiras.

se parcialmente e delegando tal tarefa de sua soberania a um conjunto de interesses econômicos das grandes corporações financeiras.

A sociedade civil dos países periféricos do hemisfério Sul, em geral, está ainda longe de ser capaz de influenciar efetivamente os centros globais de tomada de decisão. Isso deve-se ao fato de que, enquanto os indivíduos e grupos estão fixos localmente, o centro de poder e de decisões está afastado da vida local, devido ao processo de internacionalização. Essa conjuntura tem levado ao esgotamento e substituição do modelo econômico vigente nesses países, baseados na exportação de matérias prima e na importação de produtos industrializados. Esse modelo, que foi utilizado na década de 1970, tornou-se obsoleto frente ao novo modelo mundial mais tecnológico e globalizado, flexibilizando as taxas de câmbio e as taxas de juros do poder estatal.

O aumento da desigualdade e da injustiça gerou o que Bauman (2007b, p.67) chamou de segregação e polaridade entre dois mundos ou duas categorias de habitantes, denominadas camadas superiores e camadas inferiores, usando a metáfora do consumidor falho para significar a prevalência social do discurso sobre consumidores pobres ou aqueles que, em virtude de seus meios limitados, não podem participar plenamente da cultura de consumo.

Na visão de Bauman (1999, p. 101), a sociedade é moldada por relações de poder em dois mundos diferentes: os vencedores, ou aqueles que detêm os meios de produção, também chamados de “turistas”, a quem são dadas infinitas possibilidades de escolhas, e os “vagabundos”, também chamados de consumidores fracassados porque dispõem de poucos recursos. Afirma Bauman (2003, p.57): “Os poderosos e bem-sucedidos não podem dispensar com facilidade a visão meritocrática do mundo sem afetar seriamente o fundamento social do privilégio que prezam e do qual não têm intenção de abrir mão.”

Tal experiência foi retratada por Anthony Giddens na sua obra *As consequências da Modernidade* (1991, p. 29), a qual chamou de desencaixe, marcado pela crescente exclusão social, aliada aos processos financeiros do capital: onde grande parte dessa massa divide os mesmos anseios, a mesma ideologia da sociedade de consumo.

Esse modelo econômico privilegia o lucro em detrimento das pessoas reais, as relações de trabalho são instáveis. Bauman afirma: “No mundo acolchoado, maleável e informe da elite global dos negócios e da indústria cultural, em que tudo pode ser feito e ser refeito e nada vira sólido, não há lugar para realidades obstinadas e duras como pobreza” (2003, p. 59). A flexibilidade de leis trabalhistas e o receio de ficar desempregado são alguns dos efeitos colaterais da globalização financeira neoliberal. É justamente esse medo que está fragmentando a sociedade, à medida em que todos se tornam uma ameaça para todos e o medo se torna uma história dominante, já que o modo de vida moderno: “inclui a produção de pessoas redundantes [localmente inúteis], excessivas ou não empregáveis, em razão do progresso econômico” (BAUMAN 2017, p.9).

4 | NOVOS E PERMANENTES DESAFIOS À AMÉRICA LATINA

A fragmentação das organizações sociais tem aberto uma profunda cisão na América Latina, minando os sistemas e padrões, dando espaço para o surgimento de formas personalistas de governo.

Esses líderes costumam definir seus planos em termos revolucionários: “revolução bolivariana”, “revolução cidadã”, “revolução democrática”, ou então, por formas antidemocráticas de governos de extrema direita. Tais processos almejam ampliar ou cercear a participação popular, legitimando uma visão patrimonial-clientelista sobre os destinatários de tal política.

É importante lembrar que na sociedade líquida, os votos também são voláteis e o apoio público pode encolher, caso as promessas não sejam cumpridas rapidamente. Assim, os referidos políticos tendem a enfrentar duas situações: ou alinham-se às oligarquias tradicionais de seus países, obtendo apoio por meio de algumas concessões, ou assumem as consequências de sucumbirem a um tremendo fracasso.

Se o sistema internacional até 1990 pode ser definido como uma era em que a ideologia anticomunista atuava como um fator de coesão dentro do sistema ocidental, a queda do Muro de Berlim, em 1989, apontou para um novo cenário internacional, que foi substituído pelo neoliberalismo como um fator hegemônico. A mentalidade liberal, que postula a redução do Estado, propõe um modelo demasiado estreito de gestão em termos de eficácia, compreendendo a sociedade como um conjunto de atos de troca, deixando vazio de conteúdo o conceito de política.

O apelo às virtudes do mercado como um fator de coesão social opõe-se à regulação política da economia. Na opinião de tais teóricos, não é o processo democrático de tomada de decisão, mas, sim, o mercado que garante a legitimidade da mesma. Esse processo está afetando a capacidade do Estado de regular a economia e a sociedade por duas razões: primeiro, porque a interdependência entre os Estados é uma consequência da incapacidade dos países de conseguirem isoladamente gerirem as questões que hoje transcendem suas fronteiras. Em segundo lugar, porque a maior flexibilidade da produção industrial esbarra no centralismo normativo, burocrático e institucional dos grandes Estados. Desta forma, o neoliberalismo corrobora os interesses transnacionais das grandes corporações em troca de supostos benefícios, omitindo os relacionamentos escusos que envolvem os governos locais, gerando o aumento da exploração e pobreza.

Certamente muitos outros fatores estão presentes nesse cenário. Contudo, descrevê-los em uma dimensão histórica mais ampla, pode ajudar a compreender os discursos veiculados à modernidade colonial. Essa ponte abre espaço para repensar alguns pressupostos que estão profundamente enraizados nos âmbitos públicos e privados da América Latina. Despir-se de tal concepção de mundo não será tarefa fácil a médio e curto prazo.

51 CONCLUSÃO

O reconhecimento de diferentes mundos e visões exige um diálogo aberto como possibilidade. A consciência sobre a colonialidade do poder continua como um projeto inacabado e a tentativa de um discurso de democracia e desenvolvimento científico parece manter o *status quo* colonial. Autores como Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2017) e Boaventura Santos (2017) afirmam que o passado colonial funciona ainda como um sistema de dependência, um componente institucional de hegemonia que serve como um repositório de padrões socioculturais herdados.

Isso, em última análise, tem levado a pensar até que ponto os processos democráticos na América Latina não são cúmplices da ideologia do poder colonial dos países ricos do hemisfério Norte? Infelizmente esses continuaram refém dos padrões assimétricos de poder. Contudo, permanece a dificuldade: como pensar o futuro da América Latina sem imitar a epistemologia colonial ocidental? Como refletir sobre democracia sem esbarrar no quadro da democracia liberal?

São questões para quais não se têm respostas fechadas. Todavia, urge uma independência genuína que tome em consideração os interesses de uma nova gramática do discurso que permita uma sintaxe entre o Norte e o Sul, Oriente e Ocidente.

Na verdade, a exposição do referido tema pretende ser um estímulo para a busca de novos paradigmas nas relações internacionais, a fim de mudar o discurso colonial em vista de um verdadeiro compromisso de justiça social. Tal perspectiva pode apontar para a possibilidade de melhores condições de intercâmbio, não apenas em termos globais, mas também regionais, isto é, criando uma rede de cooperação latino-americana.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Estranho à nossa porta**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007a.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007b.

BAUMAN, Z. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

CUNHA, C. Encontros decoloniais entre o bem viver e o reino de Deus. Campinas: Saber Criativo, 2019.

DUSSEL, E. 1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

MIGNOLO, W. D. **Colonialidade**: o lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 94, jun. 2017.

MIGNOLO, W. D. **Habitar la frontera**: sentir y pensar la descolonialidad. Barcelona: Bellaterra, 2015.

MIGNOLO, W. D. **La idea de America Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa, 2007.

MIGNOLO, W. D. **The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference**. South Atlantic Quarterly, v. 101, n. 1, p. 57–96, 2002.

MIGNOLO, W. D. **Desobediência Epistêmica**: A opção descolonial e o significado de identidade em Política. In: Caderno de Letras da UPF- Dossie: literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324. 2008.

PINTO, R. A face oculta da Modernidade Colonial. In: **Caderno Teológico**. v.4, n. 2, p.96-106.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

SANTOS, B. **Introdução a uma Ciência Pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, B. MENESES, M. (orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2017.

SANTOS, B. **The end of the cognitive Empire: the coming of age of Epistemology of the South**. London: Duke University, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Accountability 113, 115, 116, 117, 121, 122, 125, 127, 133, 135

América Latina 1, 2, 4, 7, 8, 9, 10, 115, 116, 132, 136, 139

B

Brasil 2, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 39, 65, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 89, 93, 98, 99, 110, 118, 127, 128, 130, 131, 137, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 162, 163, 168, 169, 174

Burocracia 53, 54, 57, 58, 63, 68, 75

C

Capitalismo 3, 17, 19, 55, 56, 57, 59, 63, 129, 133, 162, 170

Carajás 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164

China 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55

Colômbia 10, 11

Colonialidade 1, 2, 3, 8, 9

Conflitos 42, 43, 50, 79, 92, 135, 138, 153, 154, 155, 156, 158, 161, 162, 163

Controle social 4, 40, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 137

D

Democracia 5, 8, 37, 38, 39, 74, 75, 115, 118, 138, 141, 142, 143, 144, 145

Desigualdade 3, 6, 101, 130, 133, 135, 148, 168, 173, 174

Discurso 4, 6, 8, 10, 35, 37, 132, 133, 141, 142, 143, 144, 145

E

Educação básica 128, 129, 131, 134, 136

Eleições 44, 48, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 93, 116, 144

Elite 2, 4, 6, 10, 11, 148, 150, 151

Estado 2, 3, 4, 5, 7, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 18, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 44, 47, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 65, 69, 73, 74, 76, 81, 82, 93, 97, 98, 99, 114, 115, 117, 118, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 161, 162

Estado de exceção 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

Estados Unidos 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 78, 137

Executivo 68, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 108, 138, 151, 154

G

Gênero 3, 132, 165, 166, 167, 169, 171, 173, 174, 175

Globalização 1, 4, 5, 6, 8, 35, 133, 170

Golpe 146, 147, 149, 150, 151, 152

Governo 7, 20, 21, 23, 24, 27, 29, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 63, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 112, 113, 117, 135, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 167

Guerra 22, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 48, 137

I

Independência 8, 41, 45, 46, 47, 49, 90

Instituições 1, 2, 4, 5, 24, 26, 28, 29, 48, 49, 54, 65, 66, 70, 73, 76, 108, 109, 113, 115, 116, 126, 132, 135, 137, 138

Intersetorialidade 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 126, 127

Intervenção 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 46, 89, 126, 129, 136

Iraque 31, 35, 36, 37, 38, 39

J

Jovem aprendiz 165, 166, 167, 171, 172, 173, 174

Justiça 8, 23, 146, 147, 148, 151, 159, 171

L

Legislativo 77, 78, 79, 80, 81, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 108, 135, 151

Legitimidade 1, 3, 7, 53, 54, 55, 56, 62

M

Mcdonaldização 53, 55, 59, 60, 61, 62, 63

Mentalidade 7, 10, 11, 34

Mercado de trabalho 24, 26, 27, 74, 117, 129, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174

Mineração 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163

Modernidade 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 53, 54, 55, 56, 63, 64

Movimentos sociais 115, 116, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 154, 171

O

Ódio 141, 142, 143, 144, 145, 149, 150

ONG 136, 137, 166

ONU 24, 29, 36, 42, 45, 46, 52, 173, 175

P

Participação 7, 24, 27, 28, 29, 57, 62, 63, 73, 81, 91, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 131, 133, 134, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 165, 166, 169, 170, 172, 173, 174

Poder(es) 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 32, 35, 36, 37, 41, 43, 44, 48, 49, 56, 58, 63, 67, 77, 78, 79, 86, 88, 89, 90, 94, 108, 115, 131, 133, 138, 141, 142, 143, 146, 147, 149, 152, 156, 170

Polarização 82, 141, 142, 143, 144, 145

Políticas públicas 20, 21, 29, 53, 69, 73, 76, 89, 95, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 137, 138, 139, 175, 176

R

Racionalidade 3, 53, 60, 62

Reformas administrativas 65, 66, 69, 71, 73, 76, 83

Refugiado(s) 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30

Refúgio 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30

Regime internacional 20, 21

S

Saúde 21, 24, 25, 26, 27, 29, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 133, 136, 139, 144, 148, 153, 171

Sociedade 1, 6, 7, 21, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 43, 50, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 69, 74, 75, 92, 114, 115, 118, 124, 126, 127, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 163, 165, 176

SUS 13, 16, 17, 112, 113, 114, 115, 116, 122, 125, 126, 127

T

Taiwan 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Terceiro setor 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

V

Veja 31, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 134

W

Weber 17, 19, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 94

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ciência Política: **Poder e Establishment**

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ciência Política: **Poder e Establishment**